

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

CONCEPÇÃO DO DEMONÍACO NO EVANGELHO DE MARCOS Demonic conception in the Gospel of Marks

Cleiton Góes da Silva¹
Ezequiel da Silveira de Souza²

RESUMO

A presente pesquisa é motivada pela divergência no entendimento do demoníaco no Novo e Antigo Testamentos. No Antigo Testamento o Satanás é um servo fiel de Deus, enquanto que no Novo Testamento ele é a representação das forças do mal e o inimigo de Deus. Especificamente, esse artigo analisa o viés usado pelo autor do evangelho de Marcos quando se referiu ao demoníaco. Esta é uma pesquisa qualitativa de revisão de literatura, que parte da análise etimológica do termo *daimon*, caminha pela construção histórica da figura demoníaca até chegar à análise do contexto social e religioso em que o evangelho de Marcos foi escrito, buscando entender o uso da figura demoníaca pelo seu autor. A análise faz uma relação do demoníaco com o poder opressor humano, classificando as estruturas sociais da época como figuras demoníacas, as quais atuavam com injustiça e impiedade nas comunidades israelitas, por isso precisavam ser exorcizadas. Satanás e seus demônios no Evangelho de Marcos representam os judeus contrários ao Cristo de Deus e o poder do império romano.

Palavras-chave: Demoníaco. Evangelho. Marcos.

ABSTRACT

The present research is motivated by the divergence in the understanding of the demonic in the New and Old Testaments. In the Old Testament Satan is a faithful servant of God, whereas in the New Testament he is the representation of the forces of evil and the

¹ O autor é Bacharel em Teologia (Curso livre) pelo Seminário Batista do Nordeste/BA. Contato: claytongoes@hotmail.com

² O autor é Mestre em Teologia pela FABAPAR/PR, Especialista em Filosofia pela UEFS/BA. Contato: ezequieldasilveira@hotmail.com

enemy of God. Specifically, this study seeks to analyze the perspective used by the author of the gospel of Mark when he referred to the demonic. This is a qualitative research of literature review, which starts from the etymological analysis of the term *daimon*, walks through the historical construction of the demonic figure until arriving at the analysis of the social and religious context in which the Gospel of Mark was written, trying to understand the use of the demonic figure by its author. The study establishes a relation between the demonic and the oppressive human power, classifying the social structures of the time as demonic figures that acted with injustice and impiety in the Israeli communities, therefore they needed to be exorcised. Satan and his demons in the Gospel of Mark represent the Jews opposed to the Christ of God and the power of the Roman empire.

Keywords: Demonic. Gospel. Mark.

INTRODUÇÃO

De todas as personagens que povoam o universo do imaginário cristão, o Diabo constitui uma das principais, senão a principal, dominando o horizonte cultural e servindo de referencial na aceitação e rejeição de comportamentos e atitudes mentais.³ Atualmente, ainda se crê na possibilidade de humanos terem seus corpos possuídos por seres malignos, o que justificaria a necessidade de rituais de exorcismo.⁴ Isso, mesmo depois Freud⁵ atribuir os estados de possessão demoníaca às neuroses humanas, conseqüentes dos desejos maus e repreensíveis, derivados de impulsos instituais que foram repudiados e reprimidos. Ainda segundo Freud,⁶ o homem⁷ elimina a projeção dessas entidades mentais para o mundo externo.

A crença em determinadas entidades espirituais acompanha a humanidade desde os tempos remotos. No mundo antigo, a maioria das pessoas olhava para o universo e o via habitado por seres invisíveis que, embora transcendentais no sentido da impossibilidade de serem vistos ou tocados, sua presença interferia no mundo e na vida dos humanos.⁸

No entanto, a compreensão de como se estrutura a figura demoníaca no ocidente cristão carrega diretamente à tradição religiosa hebraica, responsável pela principal influência na gestação do cristianismo. Como religião dominante da coletividade ocidental, o cristianismo reuniu, sistematizou e determinou a figura, as atitudes e a esfera de ação do demoníaco, impregnando no imaginário cristão a representação maléfica, na pessoa do Satanás e seus demônios, como opostos a Deus.⁹

³ LAZARINI NETO, A. O Demoníaco: a Antiguidade e transformações do tema na tradição Judaico-Cristã. **Revista Oráculo**, São Bernardo do Campo, v. 3, n 6, 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/article/view/5887>> acesso em: 10 de abril de 2017.

⁴ MARTINS, J. G. **Biografia do Diabo brasileiro**. Curitiba: ADSantos, 2015, p.15.

⁵ FREUD, S. Uma neurose demoníaca do século XVII, v. 19, 1923. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

⁶ FREUD, 1977.

⁷ Nesse artigo a expressão 'homem' diz respeito ao 'ser humano', quando não será indicado.

⁸ PAGELS, E. **As origens de Satanás**: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 14.

⁹ NOGUEIRA, C. R. F. **O Diabo no imaginário cristão**. Bauru: Edusc, 2000, p. 13.

De acordo com Nogueira¹⁰, a figura do demônio é um fenômeno de caráter essencialmente histórico, considerando que a sua constituição se deu através da evolução histórica da religiosidade hebraica. Para esse mesmo autor, o demoníaco na vida religiosa de Israel não é próprio dos hebreus, mas foi adquirido em seu curso na história, principalmente, durante o exílio babilônico, quando Israel se envolveu com culturas de outros povos.

Diante das informações apresentadas, observa-se um desacordo no entendimento do demoníaco no Antigo Testamento e nos escritos do Novo Testamento, havendo a necessidade de se conhecer qual a linha interpretativa foi usada no contexto e literatura neotestamentária. No entanto, essa análise limita a sua pesquisa ao evangelho de Marcos. Nota-se que o evangelista, ou é conduzido pela crença do senso comum da sua época, ou rompe intencionalmente com o conceito do demoníaco presente no seu tempo, apropriando-se de uma linguagem simbólica ideológica para se referir à opressão dos inimigos dos judeus. Diante disso, pergunta-se: Qual a concepção do autor do evangelho de Marcos quando se refere ao demoníaco, representado por suas personificações?

A seleção do evangelho de Marcos consiste no fato de ele ser o primeiro dos evangelhos a ser escrito para a maioria dos estudiosos. Não faz parte dessa pesquisa a análise de uma ou mais narrativas que faz referência de forma direta ao demoníaco, mas, sendo esta análise qualitativa de revisão bibliográfica, parte da compreensão do ambiente, época e contexto geral em que o evangelho é escrito e as intenções finais do seu autor, a partir da exploração de livros e artigos que trazem dados que contribuem com a pesquisa.

Metodologicamente, a construção da abordagem começa em seu primeiro tópico com a etimologia do termo “demônio” e a sua evolução histórica no judaísmo, em que se compreende que a palavra “demônio” em seu sentido primeiro, aplica-se à divindade que controlava o destino de cada homem ou grupos sociais. A compreensão da palavra demônios como agentes espirituais da maldade, controlados por um maior, o Satanás, dá-se dentro da literatura judaica a partir do contato do povo israelita com o dualismo zoroastriano. É quando o demoníaco ganha uma personificação e passa a ser colocado como adversário de Deus e o responsável pela maldade na terra.

No segundo tópico apresenta-se o demoníaco no tempo de Jesus, observando a influência da literatura apócrifa produzida a partir do século III a.C., como principal fundamento para a consolidação na crença de Satanás e seus demônios como agentes do mal que duelam com Deus. O cenário da chegada do Cristo de Deus é marcado por dualidade, Deus versus Satanás, o bem contra o mal. O universo no tempo de Jesus é dividido entre dois reinos, o de Cristo e o do Diabo.

O terceiro ponto dedica-se à compreensão da figura demoníaca no evangelho de Marcos, a partir da análise das crenças presentes no imaginário judeu, do contexto social em que o texto foi escrito e da linguagem e organização das narrativas pelo autor. Observa-se que as referências ao demoníaco no texto do evangelista Marcos se referem a relatos históricos, mas, também, a uma ação simbólica/ideológica, elemento muito presente na cultura religiosa

¹⁰ NOGUEIRA, C. R. F. 2000, p. 13.

da época. Assim, a opressão demoníaca no evangelho de Marcos pode ser compreendida como uma opressão da elite religiosa judaica e do império romano aos judeus.

A pesquisa objetiva-se a analisar o viés usado pelo autor do evangelho de Marcos quando se referiu ao demoníaco, pois considera-se relevante conhecer, mesmo que de forma introdutória, uma leitura do demoníaco como todo e qualquer tipo de opressão religiosa e social no texto bíblico atribuído a Marcos. Essa é uma concepção que estará sempre contextualizada, independente da época, e, ainda, pode se tornar resposta a uma série de questionamentos acerca da pessoa de Satanás como entidade adversária de Deus e líder de exércitos demoníacos do mal, crença esta que, para maioria dos historiadores, é uma construção histórica com o fim de controle e opressão social.¹¹

1. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA FIGURA DEMONÍACA NO JUDAÍSMO

A expressão demoníaco deriva-se da palavra demônio, que tem como sua origem o termo grego *δαίμων* [daimōn]¹², cuja a raiz pode ser encontrada intrinsecamente relacionada com as palavras da línguas indo europeias, como *dasyu dayate* (dividido – em indiano antigo), assim, “a palavra *daimōn* [demônio] designa o destino, espírito ou gênio que controla o destino”.¹³

Conforme Lira¹⁴, a palavra *δαίμων* [daimon] vem do adjetivo *δαίμωνιος* [daimônios] e o seu diminutivo neutro *δαίμονιον* [daimônion]. Para esse autor, *δαίμονιον* era apenas uma variante da palavra *δαίμων*, as quais eram usadas no contexto religioso grego com a acepção de deidade ou divindade que presidia o destino de cada homem ou dos grupos sociais.

O *δαίμονιον* [daimonion] seria o adjetivo para se referir àquilo ou àquele que tem um ser divino, enviado pela divindade, isto é, o divino, o luminoso, a operação divina, o destino. *δαίμων* [daimon] era usada no sentido de deus, divindade, deidade, espírito, gênio, destino. Os *δαίμωνιος* [daimônios] poderiam atuar ambigualmente, proporcionando o bem ou o mal, de acordo com a piedade ou o mal familiar.¹⁵

Na literatura judaica, as palavras *daimōn* e *daimonion* ganharam um censo diferente daqueles usados no contexto originário, adquirindo conotações totalmente negativas e maléficas. Essa nova concepção das palavras se deu pelo contato do povo de Israel com dualismo zoroastrista, no período do exílio babilônico e posteriormente. O Zoroastrismo pregava o combate entre as forças do bem lideradas por Ahura Masda e as forças do mal lideradas por Ahriman.¹⁶

¹¹ MUCHEMBLED, R. **Uma história do Diabo**: séculos XII – XX. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

¹² Cujas a forma primitiva *δαίσιμων* [daisimōn] apresenta uma relação com o verbo *δαίω*, *δαίομαι* ou *δαίνυμι* (dividir, distribuir, destinar).

¹³ RUSCONI, 2003, *apud* LIRA, D. P. A demonologia no ambiente do Novo Testamento: uma análise ideológico-conceitual da palavra *daimōn* no *Corpus Hermeticum*. **Protestantismo em revista**, São Leopoldo, v. 25, 2011. Disponível em: <periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/download/147/197> acesso em 18 de abril de 2017, p. 89.

¹⁴ LIRA, David. p. 2011, p.89.

¹⁵ LIRA, David 2011, p. 93.

¹⁶ LIRA, David 2011, p. 93-94.

O masdeísmo zoroastriano forneceu a base dualista que libertou o demônio do pensamento judaico e possibilitou, através da assimilação da crença em espíritos benéficos e maléficos, a composição de uma hierarquia angélica, transformando os anjos, anteriormente símbolos da manifestação divina, em entidades autônomas.¹⁷

O dualismo sempre foi rejeitado nos textos anteriores ao exílio babilônico (VI a. C.). No pensamento semita, o único autor do mal é *lahweh*¹⁸, o Deus de Israel. A teologia israelita atribuía a *lahweh* tanto o bem quanto o mal, tanto a bênção como a maldição. Até os espíritos maus são tidos como enviados por Javé¹⁹, inclusive os anjos exterminadores.²⁰

Pagels²¹ afirma que na Bíblia hebraica, assim como na corrente principal de judaísmo, até hoje, Satanás nunca aparece como líder do império do mal. A primeira vez que aparece na Bíblia ele não é necessariamente mal e muito menos inimigo de Deus. Nos livros bíblicos de números e Jó Satanás era um dos servos obedientes a Deus – um mensageiro, um anjo membro da corte real. O termo hebraico Satanás descreve um papel de adversário.

A palavra Satanás não é o nome de um personagem específico. Quando os contadores de histórias hebraicas, já no século VI a.C., mencionavam em algumas ocasiões um personagem sobrenatural que chamavam de Satanás, o que tinha em mente era um dos anjos enviados por Deus, com a finalidade determinada de bloquear ou obstruir a atividade humana. A raiz *stn* significa “um que é contra, obstrui ou age como adversário”.²²

No Antigo Testamento não existe uma concepção do mal de forma representada e autônoma, como há no Novo Testamento. Ao examinar o Antigo Testamento, praticamente, não se encontra citações que falam de um ser personificado e autônomo em relação a Deus atuando destrutivamente. O que prevalece é uma visão monista. Este monismo não dá espaço a nada que ofusque a soberania absoluta da divindade. *lahweh* é o autor de todas as coisas, sejam elas compreendidas como boas ou más pelo ser humano.²³

O mal representado em uma figura demoníaca só é concebida no judaísmo tardio. A constituição de uma demonologia hierarquizada ganha corpo no período do cativeiro babilônico, quando antigas tradições seriam reacendidas e crenças tribais seriam recuperadas, amplificadas, sistematizadas e ressignificadas à luz das tradições mesopotâmicas. Nesse ambiente a proximidade com povos inimigos agregaria novos representantes malignos ao imaginário judaico – a do dragão que simboliza o caos primordial. Nesse período se estruturam

¹⁷ ASSUMPÇÃO, Roberto Costa. A dialética do bem e do mal em Grande Sertão: Veredas / Roberto Costa Assumpção. [Tese] (Doutorado em Letras Vernáculas – Literatura Brasileira) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Faculdade de Letras. – Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.posvernaculas.letas.ufrj.br/images/Posvernaculas/4-doutorado/teses/2014/20-AssumpcaoRC.pdf>. Acesso em 28/04/2017.

¹⁸ BÍBLIA, Isaías 45.7.

¹⁹ BÍBLIA, 1 Samuel 16.14-15.

²⁰ BÍBLIA, 2 Samuel 24.15-16.

²¹ PAGELS, 1996.

²² PAGELS, 1996, p. 36.

²³ RUSSELL, J. B. **As percepções do mal da antiguidade ao cristianismo primitivo**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

também a tradição de Lúcifer e a ideia de Belzebu, que será associado ao chefe dos demônios.²⁴

Oliva²⁵ denomina o período entre o Antigo e o Novo Testamento como o ápice da evolução do pensamento do mal representado na pessoa de Satanás. Conforme Oliva, esse intervalo é marcado pela abundante produção literária no que diz respeito à personificação do mal, literatura esta que não entrou no Cânon cristão. Este fato criou a falsa impressão de ter havido uma lacuna entre os dois testamentos e, em consequência disto, fez com que as mudanças em relação ao mal não fossem percebidas de forma gradual. Essa visão vai determinar decisivamente o entendimento vigente da época de Jesus.²⁶

2. O DEMONÍACO NO TEMPO DE JESUS

Pouco antes do advento do Cristo em Israel, por volta do século II a.C. ao I d.C., por influência helenística, o mal em Israel é sistematizado e a comunidade judaica dá origem a uma demonologia vasta e complexa. Desenvolveu-se, sempre à margem da tradição erudita, uma rica literatura que deu origem a uma nova teologia: 1) A literatura apocalíptica que possui riquíssimas elaborações sobre o demoníaco. 2) A Literatura fundamentalmente apócrifa, repleta de citações dualistas relativas aos espíritos malignos que se opõem aos desígnios de Deus.²⁷

Dentre as obras apócrifas²⁸, destaca-se o “Livro dos Jubileus” (135-105 a.C.) e o Testamento dos Patriarcas (109-106 a.C.). No Livro dos Jubileus (135-105 a.C.) menciona a existência de espíritos malignos, acorrentados no “lugar da condenação”, bem como classifica os tais como demônios que provocam, em uma perspectiva rigidamente delimitada por Deus, ruína e destruição na terra, mas são igualmente os corruptores que levam os homens a cometer todos os pecados possíveis e imagináveis.²⁹

O fenômeno é mais acentuado no Testamento dos Patriarcas, no qual aparece, pela primeira vez, a menção clara à personalização da figura do demônio. Belial é colocado como chefe dos anjos caídos, adversário e rival de *Iahweh* e, ainda, disputa a soberania sobre os humanos, que os têm como seus subordinados, e incita-os à fornicação, à inveja, ao ciúme, à cólera, ao assassinato e, principalmente, à idolatria, ou seja, à adoração dos deuses estrangeiros.³⁰

A glória de Satã, antes negada no Antigo Testamento, encontra sua grandiosidade na literatura apócrifa e posteriormente na cristandade, na qual Satanás assume o lugar de príncipe das trevas, responsável pela perdição do gênero humano. Desenvolve-se então uma distinção mais nítida entre anjos e demônios, incorporados aos contatos com os povos

²⁴ NOGUEIRA, 1986.

²⁵ OLIVA, A. S. **A história do Diabo no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

²⁶ OLIVA, 2007.

²⁷ NOGUEIRA, 1986.

²⁸ Livros não aceitos como canônicos na tradição cristã (Dicionário enciclopédico da Bíblia, 2013).

²⁹ PAGELS, 1996.

³⁰ NOGUEIRA, 1986.

vizinhos, e esta constitui-se em uma doutrina escatológica³¹, até então ausente entre os hebreus, que prevê destinos diferentes para pecadores e os puros, e a noção de inferno passa a ser altamente elaborada na literatura.³²

A chegada do Cristo de Deus, Jesus de Nazaré, se deu em um momento em que o judaísmo vivia uma miscigenação de culturas e crenças. Deus já não era mais a origem do bem e do mal, *lahweh* agora possui formidáveis adversários na pessoa de Satã e sua corte de demônios, e o universo passa a ser dividido entre dois reinos, o de Cristo e o do Diabo, sendo que, tudo que possa afastar o homem de Deus é do Diabo.³³

3. CONTEXTO SOCIAL DO EVANGELHO DE MARCOS E A CONCEPÇÃO DEMONÍACA

O evangelho segundo Marcos foi escrito entre os anos 64 e 70 d.C. Em 66 d.C. iniciou a revolução judaica contra os romanos. Foi basicamente uma revolta camponesa. Os sacerdotes de nível inferior e alguns outros habitantes de Jerusalém participaram intensamente no começo, mas a participação de membros da aristocracia leiga ou sacerdotal era uma rara exceção. Inicialmente, os sacerdotes até assumiram a liderança da revolta e procuraram controlar a força rebelde do povo, como estratégia para tentar manter a paz com Roma. No entanto, não conseguiram manter o controle da situação por muito tempo e iniciou-se a Guerra Judaica. Com as intenções frustradas, muitos chefes de sacerdotes e judeus notáveis debandaram para o lado dos romanos.³⁴

A perda da liderança da revolução por parte dos sacerdotes permitiu que os camponeses rebeldes assumissem o comando de Jerusalém. O que era para ser uma luta contra os romanos em busca da liberdade nacional, passou a ser também uma luta interna entre grupos judeus rivais pelo controle da cidade. Eram três facções: o partido sacerdotal, que trabalhava pela paz; os revolucionários do campo; e, em luta contra ambos, um segundo partido anti-romano liderado por moradores eminentes de Jerusalém, homens do mais alto poder que queriam manter seus privilégios contra os radicais do campo. Enquanto se disputava o comando da cidade o horror e a miséria se instalavam na cidade.³⁵

Vinte anos após a guerra, Josefo, historiador judeu do século I a.C., “denomina a guerra judaica como não apenas a maior guerra daquele tempo, mas uma das maiores de todas as guerras documentadas até aquele período”.³⁶ Enquanto os partidos digladiavam pelo poder, o povo da cidade parecia um grande corpo retalhado, crianças arrancavam da boca dos pais

³¹ Doutrina que se refere aos fins últimos. Tudo que concerne ao fim do homem e da humanidade (Dicionário enciclopédico da Bíblia, 2013).

³² NOGUEIRA, 1986.

³³ NOGUEIRA, 1986.

³⁴ HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S. **Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 1995.

³⁵ HORSLEY; HANSON, 1995.

³⁶ JOSEFO, 1926 *apud* PAGELS, 1996, p. 23.

os pedaços que eles comiam e, o que era ainda mais lamentável, o mesmo faziam as mães com os filhos pequenos. Até velhos e crianças eram torturados por roubarem alimentos.³⁷

No ano 70 a.C., o domínio do império romano se instaurou por meio de conquistas militares e deixaram os territórios invadidos completamente destruídos e sob governo de reis clientes, vassalos ou subservientes. Neste período, verdadeiras devastações, como queimas de aldeias, pilhagens de cidades, morticínio e escravidão da população também eram praticadas.³⁸ Com o tempo, as regiões ocupadas passaram a pagar tributos, a fornecer cereais para a capital e a ajudar na manutenção das tropas.³⁹

Para que houvesse uma permanência da paz conquistada e não acontecessem rebeliões e revoltas, mantinha-se a repreensão dos povos como garantia. As tropas romanas dominavam o povo e os obrigavam a se comportar como colaboradores do sistema, atuando como vigilantes da ordem estabelecida, assim qualquer pessoa que tivesse comportamento diferente era considerada rebelde.⁴⁰ Em meio a toda essa opressão, até adoração aos estandartes militares os povos eram obrigados a prestar.⁴¹

É visivelmente perceptível que no momento e ambiente em que o evangelho de Marcos foi escrito a comunidade vivia sob implacável e violenta opressão, praticada pelos próprios judeus e pelos romanos. Conforme Schiavo⁴², considerar o ambiente social em que o autor do evangelho de Marcos está inserido é de fundamental importância para compreender a sua relação com o demoníaco em seus escritos. Myers⁴³ contribui com esse pensamento ao afirmar ser essencial que a leitura e compreensão do evangelho de Marcos sejam feitas considerando a sua redação em um contexto de guerra.

Schiavo⁴⁴ destaca o fato do evangelho de Marcos ter sido escrito em um período próximo à guerra judaica, ele conserva mais que os outros evangelhos a dimensão escatológica e apocalíptica da história, como confronto decisivo entre o bem e o mal, Deus e o demônio, os grupos judeus rebeldes e as tropas romanas e de re-ocupação. Observa-se essa mesma visão em Pagels⁴⁵, quando descarta o fato do evangelho de Marcos ser uma mera biografia histórica, e afirma que o objetivo de Marcos era “mostrar o que esses fatos significavam para o futuro do mundo ou, em jargão erudito, escatologicamente”.

³⁷ JOSEFO, 1926 *apud* PAGELS, 1996.

³⁸ HORSLEY, 1995.

³⁹ MIGUEZ, 1990, *apud* ZURAWSKI, S. R. **Porcos ao mar**: uma interpretação crítica social, econômica e ideologia de Marcos 5.1-20. [Dissertação] (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010, 100f. Disponível em: < <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/829> >. Acesso em 05 de maio de 2017.

⁴⁰ MALINA, B. **O evangelho social de Jesus**: o Reino de Deus em perspectiva mediterrânea. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.

⁴¹ ZURAWSKI, 2010.

⁴² SCHIAVO, 1999, *apud* LAZARINI NETO, 2007

⁴³ MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

⁴⁴ SCHIAVO, 1999, *apud* LAZARINI NETO, 2007.

⁴⁵ PAGELS, 1996, p. 36.

Diferente de Schiavo⁴⁶, que enfatiza um embate entre os discípulos de Jesus e os romanos, Pagels⁴⁷, por sua vez, afirma que os discípulos de Jesus não tinham motivo de queixa contra os romanos, mas, sobretudo, dos líderes judeus – o conselho dos anciãos, o Sinédrio, os escribas e os sacerdotes de Jerusalém que haviam rejeitado o messias de Deus, assim como rejeitavam o evangelista Marcos e seus irmãos crentes, chamando-os de insanos ou possuídos por demônios, as mesmas acusações que haviam dirigido contra Jesus. Ainda segundo Pagels⁴⁸, os escritores dos evangelhos resolveram dissociar-se da maioria judaica e focalizar no conflito entre os judeus – especificamente em sua queixa contra os que resistiam às suas alegações de que Jesus era o messias.

É nesse contexto marcado pela guerra intra-judaica e judeus versus romanos que o evangelista Marcos escreve dizendo proclamar o evangelho de Jesus Cristo, o filho de Deus. Essa afirmação parece contraditória, considerando que o movimento iniciado por Jesus, anunciado por Marcos, tem um fim trágico com o próprio que se diz filho de Deus. Diante de um impasse de difícil resolução, Marcos resolve o problema colocando os fatos conhecidos sobre a vida de Jesus no contexto não apenas da luta contra Roma, mas da luta entre o bem e o mal no universo, conforme observado na declaração de Pagels: “Os acontecimentos da vida e morte de Jesus não poderiam ser entendidos sem referência ao choque entre as forças sobrenaturais que, acha, haviam se digladiado na terra no tempo de Jesus”.⁴⁹

O embate do bem contra o mal no ministério de Jesus começa a partir do seu batismo, quando este é exortado pelo poder de Deus a desafiar as forças do mal que dominavam o mundo. Logo, no evangelho de Marcos, a primeira ação registrada pelo autor depois do seu batismo é a condução de Jesus ao deserto pelo o Espírito de Deus, a fim de entrar em luta direta com essas forças. Finalizado o momento da tentação no deserto Jesus volta ao convívio dos homens, e os poderes do mal continuaram a desafiá-lo e atacá-lo em todas as oportunidades, e ele os repele e vence todos.⁵⁰

O ápice terreno dessa batalha se dá com execução de Jesus, mas que, em um fim escatológico, o Cristo conquista a sua vitória sobre o mal, conforme expõe Pagels

Todos evangelhos no Novo Testamento, com variações, descrevem a execução de Jesus como a culminação da luta entre o bem e o mal – entre Deus e Satanás – que começou no seu batismo... Como, afinal de contas, poderia alguém alegar que um homem traído por um dos seus próprios discípulos, e brutalmente executado sob acusações de traição contra Roma, não só era, mas ainda é, o messias enviado por Deus, a menos que sua captura e morte fossem, como insiste os evangelhos, não uma derrota final, mas apenas uma escaramuça preliminar em um vasto conflito cósmico que envolvia o universo? A batalha final ainda não fora travada, e muito menos vencida, mas era eminente. Como Jesus advertiu ao seu interrogado no

⁴⁶ SCHIAVO, 1999, *apud* LAZARINI NETO, 2007.

⁴⁷ PAGELS, 1996.

⁴⁸ PAGELS, 1996.

⁴⁹ PAGELS, 1996, p. 32-33.

⁵⁰ PAGELS, 1996.

juízo, ele seria justificado quando o “Filho do Homem” voltasse nas nuvens (Marcos 14.62).⁵¹

O que o evangelho de Marcos faz é fundir uma forma biográfica com temas de conflito sobrenatural, tomadas de empréstimo da literatura apocalíptica⁵² judaica, para criar um novo tipo de narrativa. O evangelho de Marcos transmite a profunda convicção de que a execução de Jesus, que parece sinalizar a vitória das forças do mal, anunciava, na verdade, sua aniquilação total assegura a vitória final de Deus.⁵³

A guerra judaica serviu de base para que o evangelista identificasse as formas específicas mediante as quais as forças do mal agiam através das pessoas para produzir destruição violenta. A guerra cósmica servia principalmente para interpretar relacionamentos humanos. Desse modo, a figura de Satanás no evangelho de Marcos, assim como nos demais, tornou-se, entre outras coisas, uma maneira de caracterizar os inimigos reais como corporificação de forças transcendentais. Para que os cristãos reforçassem a própria identificação com Deus, eles demonizavam os seus adversários, fossem eles judeus, pagãos ou dissidentes cristãos. No evangelho de Marcos, especificamente, Satanás tende a expressar a transferência de culpa das nações para os membros do próprio povo de Jesus.⁵⁴

No embate presente entre os discípulos de Jesus e os grupos judaicos que eram contra o messias, os termos Satã, Satanás, Belial, Belzebu, Mastema são usados no texto do evangelho de Marcos para identificar as forças do mal que se apropriaram dos judeus que levantavam contra o Cristo. Conforme Nogueira⁵⁵, essa compreensão de Marcos tem como fundamento, justamente, as tradições que compartilhavam as seitas judaicas do primeiro século. Neste caso, o anjo que no Antigo Testamento é responsável por atacar as pessoas com o mal, com a permissão da divindade Israelita, é elevado a uma estatura de adversário de Deus, e agora, satanás deixa de ser ofício e passa a ser nome, conforme relata Pagels:

No processo, transformaram esse anjo desagradável em uma figura muito mais importante – e muito mais maligna. Deixava de ser um dos servos fieis de Deus e começa a tornar-se o que é para Marcos e para a cristandade posterior – o adversário de Deus. Seu inimigo, até mesmo seu rival. Esses sectários, lutando menos contra as “nações” do que contra os judeus, denunciavam os adversários como apóstatas e acusavam-nos de terem sido seduzidos pelo poder do mal, que chamavam por vários nomes – Satanás, Belzebu, Semihazah, Azazel, Belial, Príncipe das Trevas.⁵⁶

⁵¹ PAGELS, 1996, p. 33-34.

⁵² O mesmo que “revelar”. Trata-se de livros que pretendem trazer, por meio da revelação, um conhecimento secreto do passado, do presente e do futuro. Essa revelação desemboca no anúncio preciso do fim (Dicionário enciclopédico da Bíblia, 2013).

⁵³ PAGELS, 1996.

⁵⁴ PAGELS, 1996.

⁵⁵ NOGUEIRA, 1986.

⁵⁶ PAGELS, 1996, p. 75.

Theissen⁵⁷ e Myers⁵⁸, ao contrário de Pagels⁵⁹, interpretam o demoníaco no evangelho de Marcos como ações simbólicas do conflito público e social, em que facções rivais lançam mão de Satanás para justificar suas diferenças. Essa foi a forma que Jesus encontrou para fazer frente à miséria enfrentada pelo povo simples da época, na sua maioria camponeses endividados pela carga tributária exigida pelas diversas camadas de governantes imperiais ou ligados ao templo. Jesus não somente exorcizou, mas instigou os seus seguidores a continuarem exorcizando as forças malévolas da opressão.⁶⁰

Crossan⁶¹ faz uma leitura dupla, pelo o critério literário, percebe a cura de indivíduos, mas afirma ser difícil não perceber o simbolismo embutido nas narrativas em que envolve o demoníaco, que apontam para a libertação de uma sociedade ou um grupo de humano oprimido. Hütter⁶² classifica a possessão demoníaca como marginalização pela sociedade religiosa e civil. Alguém com o espírito maligno não é mais senhor de si, outro age por meio dele de forma desastrosa.⁶³ A exemplo, verifica-se o espírito impuro na sinagoga de Cafarnaum⁶⁴, que é transformado pelo evangelista Marcos no representante da instituição dos escribas, cuja autoridade sustentava a ordem social judaica dominante. Espíritos impuros ou demoníacos representam forças ou princípios ativos que procedem do exterior do homem; a aceitação da sua influência é um comando dado para que eles ajam em seu interior. Os espíritos demoníacos são forças ideológicas contrárias aos planos de Deus manifestado em Jesus Cristo.⁶⁵

Myers⁶⁶ chama atenção para a linguagem usada por Marcos. Esse mesmo autor denomina o demoníaco no evangelho de Marcos como um discurso simbólico-político que relata uma guerra de mitos, no qual se dá o enfrentamento de Jesus com as forças de dominação, quer sejam elas representadas pela elite sacerdotal ou pelas forças do Império Romano. O “discurso” mencionado por Myers é entendido como um conceito que se refere aos vários sistemas simbólicos/linguísticos e narrativos empregados na comunicação humana. Trata-se de comunicação humana que não é mera palavra, discurso, linguagem, mas carrega em si, acontecimentos sociais, como se a vida que entrasse no universo da linguagem e nela buscasse mecanismos de transformação das relações.

Destaca-se aqui, a narrativa em que o evangelista Marcos relata o exorcismo feito por Jesus em um homem na região dos gerasenos⁶⁷, segundo Horsley, uma narrativa realista, no entanto, portadora de uma ação simbólica/ideológica que atesta que a mensagem de Jesus e

⁵⁷ THEISSEN, G. **Sociologia do movimento de Jesus**. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1989.

⁵⁸ MYERS, 1992. p. 181-193

⁵⁹ PAGELS, 1996.

⁶⁰ HORSLEY; HANSON, 1995.

⁶¹ CROSSAN, J. D. **O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

⁶² HUTTER, 2000 *apud* ZURAWSKI, 2010.

⁶³ HUTTER, 2000 *apud* ZURAWSKI, 2010.

⁶⁴ BÍBLIA, Marcos 1.21-28.

⁶⁵ MYERS, 1992.

⁶⁶ MYERS, 1992.

⁶⁷ BÍBLIA, Marcos 5.1-20.

a atuação da comunidade de Marcos estavam derrotando a possessão ou o domínio romano.⁶⁸ Marcos 5.1-20 retomou antigos símbolos e narrativas hebraicas de libertação, que ativavam a memória da presença libertadora de Deus na história, vencendo forças inimigas, bem como, o reavivamento da esperança de que a ordem de dominação estabelecida estava chegando ao fim.⁶⁹ Essa perícopes carrega todos esses elementos de combate escatológico ou apocalíptico com a consequente construção de uma nova ordem social.⁷⁰

Assim, o demoníaco em Marcos tem um duplo caráter. Por um lado, vem marcado por uma religiosidade fundamentada no imaginário místico apocalíptico comum àquela época e, por outro, representava também uma leitura das estruturas sociais e de poder que eram compreendidas como demoníacas e, portanto, objetos do exorcismo.⁷¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados permitem compreender demoníaco no evangelho de Marcos como uma luta do bem contra o mal, em uma perspectiva apocalíptica e escatológica. A guerra judaica também é uma guerra cósmica. Marcos atribuiu os acontecimentos a vida de Jesus à luta contra os adversários judeus e contra Roma, mas também, à luta entre o bem e mal no universo. As forças maléficas haviam se enfrentado na terra no tempo de Jesus por meio das pessoas para produzir extrema violência e destruição. Percebe-se a influência dualista no evangelho de Marcos, construída pela literatura apócrifa e fortemente presente no imaginário judaico. O Satanás no evangelho de Marcos é colocado como o representante dessas forças maléficas.

A figura de Satanás no evangelho de Marcos é uma maneira de caracterizar os inimigos reais como personificação das forças transcendentais do mal. Satanás e seus demônios são usados no texto do evangelho de Marcos, para identificar essas forças que se apropriaram dos judeus que se levantaram contra o Cristo. Dessa forma, o anjo designado para atacar as pessoas com o mal no Antigo Testamento, servo fiel a *lahweh*, assume o lugar de adversário do próprio *lahweh*. Satanás deixa de ser um ofício e passa a ser uma identificação de um ser, o nome do maioral dos demônios.

Entretanto, o demoníaco no evangelho de Marcos pode ser lido, também, como uma linguagem simbólica/ideológica que se refere aos poderes opressores da sociedade. Satanás e seus demônios representam os judeus contrários à obra do Cristo de Deus e o poder do império Romano. A possessão demoníaca é descrita como subjugação da pessoa pelas estruturas societárias opressoras, como as forças militares romanas e os líderes religiosos do primeiro século. Os possuídos por demônios podem ser identificados como toda uma

⁶⁸ HORSLEY; HANSON, 1995.

⁶⁹ MYERS, 1992.

⁷⁰ SCHIAVO, 1999, *apud* LAZARINI NETO, 2007.

⁷¹ CARDOSO, R. A. L. **O demoníaco em Marcos 3,20-35**. [Dissertação de Mestrado] (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 153p. 2017. Disponível em < <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/334/1/Regina%20Cardoso.pdf>, > acesso em 15 de abril de 2017.

coletividade submetida às forças dominadoras, especialmente os habitantes das pequenas aldeias.

Portanto, as práticas exorcistas de Jesus no evangelho de Marcos, assim como todas as suas ações, alcançam ressonância no universo social, político, econômico e ideológico. O exorcismo das forças demoníacas realizado por Jesus promove a cura e a libertação do indivíduo e da sociedade. Em ações públicas ele liberta, cura, perdoa e inclui, convocando para o seguimento e/ou discipulado.

A pesquisa, embora tenha caráter introdutório, abre questões importantes como: Quem é Satanás e que mal ele representa para a sociedade? Os exorcismos de Jesus foram históricos ou narrativas simbólicas? É possível um cristianismo sem o Satanás como adversário do Cristo de Deus? As questões que decorreram da pesquisa indicam a possibilidade de ampliação da mesma, ou ainda, apontam caminhos para novas investigações referentes ao tema proposto.

Entretanto, a pesquisa levanta, também, questões no campo prático: Como identificar a face demoníaca ou a presença do mal no mundo de hoje? Quem seriam os possuídos? E como a atuação do Jesus exorcista ilumina, questiona e instiga a missão da igreja e dos seus seguidores junto aos endemoninhados do tempo presente? As práticas de Jesus devem impelir os seus discípulos a fazerem o mesmo. Isso implica que os seus seguidores identifique as forças demoníacas que afligem e oprimem as pessoas no seu tempo, sejam elas religiosas, estruturais, psicológicas, ou sociais, e promova cura, libertação, reestruturação e inclusão social. A final, “no âmbito da sociedade globalizada, as pessoas esperam ansiosamente ser curadas e libertadas de seus demônios”.⁷²

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Roberto Costa. **A dialética do bem e do mal em Grande Sertão**: Veredas / Roberto Costa Assumpção. [Tese] (Doutorado em Letras Vernáculas – Literatura Brasileira) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Faculdade de Letras. – Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/4-doutorado/teses/2014/20-AssumpcaoRC.pdf>. Acesso em 28/04/2017.

BÍBLIA, **Bíblia Sagrada**: edição revista e atualizada com novo acordo ortográfico e referências cruzadas. São Paulo: Vida Nova, 2013.

CARDOSO, R. A. L. **O Demoníaco em Marcos 3.20-35**. [Dissertação de Mestrado] (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 153p. 2015. Disponível em < <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/334/1/Regina%20Cardoso.pdf>, > acesso em 15 de abril de 2017.

CROSSAN, J. D. **O Jesus Histórico**: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

⁷² RABUSKE, 2001, *apud* ZURAWKI, 2010. p.85.

FREUD, S. Uma neurose demoníaca do século XVII, v. 19, 1923. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S. **Bandidos, profetas e messias**: movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulinas, 1995.

LIRA, David. P. A demonologia no ambiente do Novo Testamento: uma análise ideológico-conceitual da palavra *daimōn* no *Corpus Hermeticum*. **Protestantismo em revista**, São Leopoldo, v. 25, 2011. Disponível em: <periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/download/147/197> acesso em 18 de abril de 2017.

MALINA, B. **O evangelho social de Jesus**: o Reino de Deus em perspectiva mediterrânea. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.

MARTINS, J. G. **Biografia do Diabo Brasileiro**. Curitiba: ADSantos, 2015.

MUCHEMBLED, R. **Uma história do Diabo**: séculos XII – XX. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

NETO, A. L. O Demoníaco: a Antiguidade e transformações do tema na tradição Judaico-Cristã. **Revista Oráculo**, São Bernardo do Campo, v. 3 n 6 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/article/view/5887> > acesso em: 10 de abril de 2017.

NOGUEIRA, C. R. F. **O Diabo no imaginário Cristão**. Bauru, SP: Edusc, 2000.

OLIVA, A. S. **A história do Diabo no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

PAGELS, E. **As origens de Satanás**: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

RUSSELL, J. B. **As percepções do mal da antiguidade ao cristianismo primitivo**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

THEISSEN, G. **Sociologia do movimento de Jesus**. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1989.

ZURAWSKI, S. R. **Porcos ao mar**: uma interpretação crítica social, econômica e ideologia de Marcos 5.1-20. [Dissertação] (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010, 100f. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/829> >. Acesso em 05 de maio de 2017.